

Empresários não convencem o presidente

A ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional, ao contrário do que divulgou o empresário Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), não chegou a provocar maior discussão, diante da posição conhecida, por antecipação, do presidente Sarney de não adotar uma política recessiva, conforme versão do secretário de Imprensa da Presidência.

Apenas dois empresários teriam se manifestado diretamente sobre o assunto: Cláudio Bardela, inicialmente, defendeu essa posição, mas, questionado por outros empresários, defendeu a consulta ao Fundo. Questionado por outros empresários, Bardela terminou concordando que seria difícil recorrer a uma política recessiva interna, com o que concordou Paulo Vilares, que, na oportunidade, informou que seu grupo previa a realização de novos investimentos no período 1986/87 da ordem de US\$ 90 milhões.

Os dois empresários foram

Os pedidos

- 1 — Apóiam a política de crescimento;
- 2 — Não fazem questão da ida ao FMI;
- 3 — Querem uma revisão da política cambial;
- 4 — Mudança da política salarial e extinção do gatilho;
- 5 — Economia de livre mercado, que entra em contradição com os subsídios à agricultura;
- 6 — Que o governo saia da política de assistência social, deixando isto para os empresários;
- 7 — Medidas fortes para coibir abusos de preços;
- 8 — Taxas de juros mais baixas;

apoiados por Aldo Lorenzetti, do setor eletro-eletrônico, quando

mostraram que as estatais, além de não estarem fazendo encomendas, não vêm cumprindo os prazos de pagamento e quando o fazem não pagam as correções pelos atrasos.

Preços

Lorenzetti denunciou ainda a Sarney, uma série de empresas que fraudaram a tabela de congelamento do CIP e que a deturpação dos preços alcançou tal nível que desestimulou a produção, observou. O nome dessas empresas não foi divulgado pela Presidência.

Continuando, o empresário mostrou que, por razões como esta, sem o devido controle do CIP, a Cacex passou a receber pedidos de importação de produtos que antes eram produzidos internamente.

A questão da incompatibilidade dos preços internos com os preços externos foi levantada pelo presidente da Fiesp, ao mostrar que esta situação está provocando um diferencial entre o cruzado e o dólar, hoje calculado em torno de 20 por cento com sérios prejuízos para os exportadores.